


Axiologias erigidas na/pela performance de fã em fanzines produzidos em uma mediação dialógica de leitura literária


Axiologies established in/by fan performance in fanzines produced in a dialogical mediation of literary reading

Axiologías erigidas en/por el desempeño de los fans en fanzines producidos en una mediación dialógica de lectura literaria


Francisco Rogiellyson da Silva Andrade¹

 0000-0002-2585-1878

Deorge Lucas Lopes Martins²

 0000-0002-9452-4758

Dannytza Serra Gomes³

 0000-0002-6204-264X

RESUMO: Este estudo analisa as tonalidades axiológicas que se erigem quando estudantes engajados em uma mediação dialógica de leitura literária são instados a performar como fãs das obras que leram. Para isso, transversalizamos a compreensão de ensino dialógico com a de letramento literário, convocando a compreensão bakhtiniana de gênero discursivo para pensar o fanzine como possibilidade para cumprir os propósitos de mediações dialógicas de leitura literária. Metodologicamente, este estudo trata-se de uma pesquisa-ação, cuja análise toma corpo a partir do *modus operandi* da análise dialógica do discurso com foco nas produções dos fanzines. Os resultados apontam que, para performar a identidade de fãs nos fanzines produzidos, os estudantes-fanzineiros marcam axiologicamente seus enunciados de tal maneira a convidar seus interlocutores a viverem as emoções provocadas pelos textos lidos. Ainda, percebe-se que os produtores versionam os enredos das obras lidas em concordância com sua própria experiência ética de vida. Desse modo, vemos que propostas dialógicas de leitura literária incitam os participantes a terem contato com o texto literário e a experimentar modos de ser e de agir, na e pela linguagem, a partir da vivência do letramento

¹ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC). Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (DLV/UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCEL/UESB). E-mail: rogiellyson@ufc.br.

² Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC). Docente da Secretaria Municipal da Educação (SME) de Itapipoca/Ceará. E-mail: deorgemartinsufc@gmail.com.

³ Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC). Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (DLV/UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC). E-mail: dannytzasg@gmail.com.

literário.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário; Fanzine; Ensino dialógico.

ABSTRACT: This study analyzes the axiological nuances that arise when students engaged in a dialogical mediation of literary reading are urged to perform as fans of the works they have read. To this end, we cross-reference the understanding of dialogic teaching with that of literary literacy, drawing on Bakhtin's understanding of discursive genre to consider fanzines as a possibility for fulfilling the purposes of dialogic mediations of literary reading. Methodologically, this study is an action research project, whose analysis is based on the *modus operandi* of dialogic discourse analysis with a focus on fanzine productions. The results indicate that, in order to perform the identity of fans in the fanzines produced, student fanzine makers axiologically mark their statements in such a way as to invite their interlocutors to experience the emotions provoked by the texts read. Furthermore, it is clear that the producers adapt the plots of the works read in accordance with their own ethical life experience. Thus, we see that dialogical proposals for literary reading encourage participants to engage with the literary text and to experiment with ways of being and acting, in and through language, based on their experience of literary literacy.

KEYWORDS: Literary literacy; Fanzine; Dialogic teaching.

RESUMEN: Este estudio analiza los matices axiológicos que surgen cuando se insta a los estudiantes que participan en una mediación dialógica de lectura literaria a actuar como fans de las obras que han leído. Para ello, transversalizamos la comprensión de la enseñanza dialógica con la de la alfabetización literaria, recurriendo a la comprensión bakhtiniana del género discursivo para pensar en el fanzine como una posibilidad para cumplir los propósitos de las mediaciones dialógicas de la lectura literaria. Metodológicamente, este estudio es una investigación-acción, cuya análisis se basa en el *modus operandi* del análisis dialógico del discurso, centrado en las producciones de los fanzines. Los resultados indican que, para representar la identidad de los fans en los fanzines producidos, los estudiantes-fanzineros marcan axiológicamente sus enunciados de tal manera que invitan a sus interlocutores a vivir las emociones provocadas por los textos leídos. Además, se observa que los productores versionan las tramas de las obras leídas de acuerdo con su propia experiencia ética de vida. De este modo, vemos que las propuestas dialógicas de lectura literaria incitan a los participantes a entrar en contacto con el texto literario y a experimentar modos de ser y de actuar, en y a través del lenguaje, a partir de la experiencia de la alfabetización literaria.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización literaria; Fanzine; Enseñanza dialógica.

Introdução

Os estudos em Linguística Aplicada, principalmente aqueles que tematizam práticas pedagógicas de ensino de língua, têm dado relevo à filosofia da linguagem bakhtiniana para (re)pensar e (des)locar reflexões sobre os processos didáticos. No Brasil, entre outros, Sobral e Giacomelli (2020) se notabilizaram ao discutir os princípios que subjazem um ensino dialógico de línguas: a alteridade, a responsividade e a ética.

Acredita-se que, ao tomar esses princípios, dá-se vazão a uma aprendizagem mais vívida, emancipatória e crítica. No entanto, pouco se tem investido em observar isso nos processos de leitura literária, prática de linguagem protagonista em todas as etapas da educação básica brasileira, como bem elucida a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) ao colocar o campo artístico-literário em todas as séries da curricularização escolar.

Em função disso, neste texto, alicerçados nos princípios metodológicos da pesquisa-ação educacional em LA decolonial (Andrade; Modl, 2025), buscamos analisar as tonalidades axiológicas que se erigem a partir da produção de fanzines, gênero que requer do sujeito-produtor a performance identitária de fã. A produção desses fanzines literários é decorrente de uma experiência de mediação dialógica de leitura literária, na qual os estudantes foram instados a performar como fãs das obras lidas.

Para atingir esse fim, o texto se organiza da seguinte maneira: após esta introdução, focamos na discussão sobre os princípios teóricos que endossam a pesquisa, transversalizando ensino dialógico, letramento literário e produção de fanzines para pensar o tratamento das práticas sociais de leitura literária na ambiência escolar; na sequência, traçamos o percurso metodológico da pesquisa; posteriormente, realiza-se a análise focal da pesquisa; por fim, apresentam-se as considerações finais.

Ensino dialógico, letramento literário e fanzines: por uma vivência de práticas de leitura literária na escola

A assim chamada educação dialógico-alteritária (Amaral; Sobral, 2024; Krewer; Soares; Sobral, 2020; Sobral; Giacomelli, 2020), também nomeada como ensino dialógico de línguas (Andrade, 2024), tem sido compreendida, em LA, como uma perspectiva didática viabilizada a partir da filosofia bakhtiniana sobre a linguagem.

Defende-se, sob o bojo dessa perspectiva, que se deve trabalhar com textos

autênticos (enunciados concretos), a partir das necessidades de aprendizagem e de interação dos estudantes (alteridade). Alicerçado nisso, o docente mobiliza gêneros discursivos para tensionar questões de recepção, consumo e circulação dos discursos, promovendo a análise das éticas relativas às diferentes esferas a fim de que o estudante possa posicionar-se, na e pela linguagem, a partir de outros enunciados (questão dialógica e axiológica) (Amaral; Sobral, 2024; Andrade, 2024; Krewer; Soares; Sobral, 2020; Sobral; Giacomelli, 2020).

No trabalho com leitura literária, Andrade (2024) defende que os círculos de leitura literária, metodologia de trabalho com o texto literário que se caracteriza por ser “[...] uma prática de leitura compartilhada na qual os leitores discutem e constroem conjuntamente uma interpretação do texto lido anteriormente” (Cosson, 2021, p. 9), cumprem os propósitos de um trabalho dialógico da leitura literária.

Isso ocorre porque o círculo de leitura “[...] é uma estratégia didática privilegiada de letramento literário porque, além de estreitar laços, reforçar identidades e solidariedade entre os participantes, possui um caráter formativo essencial ao desenvolvimento da competência leitora [...]” (Cosson, 2021, p. 9), já que esse compartilhamento coletivo alarga as interpretações individuais e tensiona os diversos centros de valores evocados e provocados nas experiências éticas e estéticas de leitura.

Pensando sob esse viés, ocorre uma catalisação da formação leitora, já que se promove a alteridade entre texto e leitor e entre leitores, ao mesmo tempo em que se abre espaço para um tratamento mais decolonial de ensino, uma vez que, no lugar de questionários, resumos etc., que tendem à repetibilidade do sentido, favorecem-se a interação e a singularidade da experiência ética e estética do leitor com o texto literário, colocando no palco do processo a produção e a negociação de sentidos.

Ademais, o círculo de leitura se lança como um processo “[...] que demanda um intenso envolvimento do leitor com o texto, o que leva a uma aprendizagem ativa dos mecanismos e convenções da escrita e a uma maior consciência de ser leitor” (Cosson, 2021, p. 23).

Cosson (2021) afirma que, como uma metodologia geral, há diferentes modos

pelos quais se pode engajar os estudantes em círculos de leitura. Nesta pesquisa, elegemos a produção e a socialização de fanzines literários para realizar esse intento. Conforme historicizaram Magalhães (1993) e Pinto (2020), os fanzines tratam-se de gêneros da ambiência multicultural e periférica. Suas primeiras produções aconteceram na década de 1930, nos Estados Unidos, quando fãs de filmes de ficção científica decidiram abordar a narrativa de seus ídolos em publicações simples, não seriadas.

Desse modo, Pinto (2020, p. 9) afirma que os fanzines caracterizam-se como publicações amadoras cujo “[...] autor tem total domínio de seu processo de produção, desde a coleta de informações, redação, diagramação, arte, composição, além da impressão e distribuição. Isto favorece sua maior liberdade de criação e principalmente expressão”. Desta feita, os fanzineiros, como são chamados os que produzem fanzines, não estão ligados aos interesses capitalistas e mercadológicos das editoras.

Quanto ao trabalho pedagógico com os fanzines, Pinto (2020) afirma que, por ser de origem periférica e amadora, só mais recentemente eles vêm sendo percebidos como produtivos para o ensino. Acerca disso, Paula e Milesk (2020, p. 576) afirmam que o fanzine, para além de permitir o cumprimento de objetivos didático-pedagógicos definidos para as práticas de ensino, também concretizam um *lôcus*, instituído pela própria arquitetônica do gênero, em que os produtores elegem “[...] suas estéticas, éticas e conteúdos composicionais, marcando suas autorias e fazendo ressoar suas vozes” no processo de réplica leitora. A performance identitária de fã trata-se de uma ética (Bakhtin, 2017) própria do modo de tonalizar a axiologia no/pelo gênero.

Nesse viés, ao elaborar um fanzine literário, o produtor é posto no embate dialógico sobre o que leu, já que a arquitetônica do referido gênero abre espaço para a responsividade leitora. Isso significa dizer que a ação de produzir um fanzine permuta as atividades de leitura avaliativas e cerceadoras da interpretação em prol daquelas em que há liberdade para inscrição de réplicas axiológicas sobre o que se leu e sobre a própria vida (leitura do mundo na e pela leitura da palavra – cf. Freire, (2003).

Como afirmado por Magalhães (1993), em suas primeiras produções, o fanzine servia como modo linguageiro pelo qual sujeitos aficionados por determinado objeto cultural publicizavam sua experiência com a obra da qual eram fãs. Com o tempo, segundo Bakhtin (2016), os gêneros discursivos assumem novos contornos, o que se observa no fanzine. Uma das principais mudanças aconteceu no nível do tema, já que hoje muitos sujeitos utilizam esse gênero para continuar o enredo de histórias de que gostam ou para mudar narrativas com as quais não simpatizaram; há, ainda, escritores à margem do mercado editorial que se utilizam do fanzine para produzir coletâneas de suas produções.

Os fanzines evidenciam plasticidade quanto à estrutura composicional, pois, como dão vez a diferentes modos de valorar os objetos de discurso, abrem margem para diversas maneiras como o autor imprime sua autoria (Paula; Milesk, 2020). No que se refere ao estilo, os novos arranjos semióticos de nossa cronotopia abriram espaço para a multiplicidade de modos sígnicos em que linguagem verbal, cores, ilustrações, traços etc. configuram a organização estilística do discurso (Pinto, 2020).

Desse modo, vê-se que os fanzines, como é próprio de todo e qualquer gênero, gozam da relativa estabilidade a que se refere Bakhtin (2016), já que as circunstâncias cronotópicas conferem os (re)arranjos semióticos e discursivos pelos quais se cumprem os propósitos comunicativos. Com base nas considerações de Mediviédev (2012) e de Volóchinov (2018), podemos entender que, a partir dos modos semióticos e composicionais que caracterizam os fanzines, os produtores personalizam maneiras de ser e de agir no mundo discursivo para cumprir funções sociais singulares, a partir de seus centros de valores.

Consideramos, nessa esteira, que a produção de fanzines literários vai ao encontro de um trabalho dialógico de letramento literário em esteira decolonial, porque dá vez a performances identitárias mais desprivilegiadas pelo Norte global, bem como centraliza propostas mais multiletradas. Desse modo, quando engajados em práticas dessa natureza, os sujeitos podem não somente ter contato com obras artísticas, mas também experimentar as identidades e os papéis sociais performados a partir do engajamento nessas práticas de letramento literário.

Metodologia

Esta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará sob o número CAAE 69518323.0.0000.5054, caracteriza-se como uma pesquisa-ação nos moldes de Thiollent (1986) e assume os pressupostos da Linguística Aplicada – LA (Lopes, 2006), compreendida como área com forte apelo à problematização de questões em que a linguagem é questão central.

O processo de análise de dados de uma pesquisa-ação educacional sob os moldes decoloniais, segundo Andrade e Modl (2025), se debruça tanto sobre as agências promovidas ao longo da geração dos dados, bem como sobre os produtos enunciativos produzidos pelos colaboradores da pesquisa. Nesse contexto, coadunando-nos com Andrade e Modl (2025), aqui nos interessa analisar como as ações languageiras materializadas nos textos dos estudantes performaram a identidade de fãs de leitura literária a partir da produção de seus fanzines literários.

A escola onde concretizamos a pesquisa é vinculada à esfera municipal, localizada num bairro periférico do município de Fortaleza, capital do Ceará. As ações pedagógicas foram realizadas nas três turmas de 6º ano que compunham o equipamento escolar em 2023. Os grupos apresentavam entre 30 e 37 estudantes. As atividades foram desenvolvidas no final do 1º semestre letivo do referido ano. Duas das turmas tinham aula no turno da manhã, enquanto a outra era matriculada no turno da tarde.

O plano de ensino executado foi produzido por Andrade, Lima e Martins (2023), cujas etapas se apresentam a seguir.

Quadro 1 – Plano de ensino da experiência

Atividade	Objetivo	Carga horária
Escolha do livro para leitura	Conhecer o espaço da biblioteca escolar e suas regras, bem como selecionar um livro para ler.	2 h
Leitura do livro	Ler o livro escolhido, de modo a construir primeiras impressões sobre o que se leu.	Em casa e em diálogos nas aulas.
Proposta de produção de fanzines	Propor às turmas a produção de fanzines nos quais eles demonstrariam sua afinidade pela obra que escolheram.	10 min.
Leitura de fanzines	Conhecer o gênero discursivo fanzine, seu funcionamento discursivo, seus modos de organização dos discursos etc.	1 h e 50 min.

Círculos de leitura literária	Promover a troca de impressões literárias sobre os livros lidos entre os estudantes das turmas.	2 h
Oficina de produção de fanzines	Produzir fanzines literários.	8 h
Mostra literária	Apresentar os fanzines literários produzidos para a comunidade escolar.	2 h
Devolução dos livros	Devolver os livros tomados de empréstimo para a biblioteca escolar.	2 h

Fonte: Andrade, Lima e Martins (2023, p. 4-5).

O projeto dos autores tem o objetivo geral de produzir fanzines literários a partir da leitura de textos literários diversos escolhidos pelos estudantes. Para isso, sugere-se toda uma vivência que se inicia pela ida à biblioteca escolar para escolher a obra que desejam ler, passando pela formação de equipes para trocar ideias acerca das leituras, até chegar aos processos de produção coletiva dos fanzines.

Neste texto, damos destaque aos fanzines produzidos, o que ocorreu após os estudantes irem à biblioteca, escolherem as obras, lerem os textos e trocarem opiniões sobre o que leram. Assim, foram convidados a, em trios cujos integrantes haviam lido a mesma obra, produzirem os fanzines nos quais deveriam demonstrar o quanto eram fãs do texto que leram.

Foram produzidos, no total, 40 fanzines. Embora todos tenham sido analisados, neste artigo, fizemos recorte para excertos dos dados discursivos que melhor ilustram a performance discursiva de fãs. Desse modo, são apresentados trechos de três fanzines, os quais valoram as seguintes obras: *Um assassinato, um mistério e um casamento*; *#Cuidado garoto apaixonado*; e *O detector de sacis*. A identidade dos autores não será revelada, embora ressaltemos que todos tinham 11 anos quando passaram pela experiência. Ademais, as páginas apresentadas foram digitalizadas e, quando apresentam trechos verbais escritos à mão, estes são transcritos logo abaixo das figuras, com fidelidade à ortografia e à pontuação originais.

A análise dos dados cumpre o modo dialógico, que, segundo o próprio Bakhtin (2016), ocorre da seguinte maneira: i) parte-se dos enunciados concretos, isto é, dos fanzines produzidos pelos estudantes, acreditando que esses exemplares são resultantes de relações dialógicas com as obras lidas e com as interpretações tensionadas nas aulas; ii) auscultam-se os modos como os propósitos comunicativos

são cumpridos na realidade concreta de cada enunciado; e iii) pinçam-se os valores axiológicos, portanto os posicionamentos que se tonalizam nos/pelos textos produzidos. Acreditamos que esse caminho analítico vincula-se ao objetivo geral deste artigo, que é o de observar de que maneira os estudantes conseguem performar a identidade de fã das obras lidas. A seguir, apresentamos a discussão dos dados.

Análise

A escolha pelo fanzine ocorreu porque acreditávamos que, justamente pela idade dos alunos das turmas (entre 10 e 12 anos) e por conta de percebermos que adoravam desenhar e colorir, eles se sentiriam mais engajados na leitura, em virtude de ser ela o mote para a produção do fanzine. Essa alteridade nas decisões tomadas tem apoio nas direções dialógicas de ensino de língua(s) (Amaral; Sobral, 2024; Andrade, 2024; Krewer; Soares; Sobral, 2020; Sobral; Giacomelli, 2020).

Bakhtin (2016) e Volóchinov (2018) afirmam que, no enunciado concreto, a relação entre os interlocutores mexe com toda a organização dos signos. Então, a orientação de que os estudantes deveriam se colocar como fãs das obras era estratégica na medida em que eles iriam se construir enunciativamente não como um editor que fará a quarta capa ou a sinopse de publicização da obra nem como um *booktuber* a falar sobre a experiência com a leitura de dado livro: eles eram fãs, ou seja, pessoas que viveram uma experiência estética fascinante e que querem incitar outras pessoas a também sentir isso – esse é o projeto arquitetônico promovido pelo gênero fanzine. Para Andrade (2024), o gênero, para além de ser um organizador do enunciado, erige essa cronotopia própria que insta a valoração dos objetos de discurso e, conseqüentemente, a performance de identidades, o que significa dizer que toda construção identitária é um efeito arquitetônico do gênero.

Nesse sentido, a eleição do gênero do discurso que organiza a réplica interpretativa deve ter natureza estratégica num processo pedagógico de leitura literária, como apontam Paula e Gonçalves (2020). Ao selecionar o fanzine, elegem-se também identidades e modos de ser e de agir discursivamente. Assim, o

fanzine simboliza semioticamente todo um cronotopo (Bakhtin, 2018) em que o leitor se evidencia de maneira tal que, em outras circunstâncias enunciativas, por tolher outras agências identitárias, outro gênero não deflagraria.

Os estudantes foram orientados a organizarem suas produções da seguinte maneira: capa, resumo da obra, apresentação dos personagens principais, desenhos de partes que chamaram atenção, frases que chamaram atenção, *playlist* comentada da obra lida e contracapa.

A primeira página de fanzine que pomos em tela é o que desvela fascinação pela obra *Um assassinato, um mistério e um casamento*, traduzida e apresentada por Ana Maria Machado a partir da obra escrita por Mark Twain, importante escritor e humorista estadunidense do final do século XIX.

Figura 1 – Capa do fanzine sobre *Um assassinato, um mistério e um casamento*



Um assassinato, um misterio e um casamento
 #O ASSASSINATO
 #CASAMENTO
 #FAMILIA GAY

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A capa do fanzine revela uma responsividade interessante: embora o enredo do romance apresente uma história de tentativa de ascensão financeira de um idoso e de investigação de um crime, o que dá vez a uma atmosfera tensa, a capa, contrariamente, alicerçada no uso de cores claras e de traços aligeirados, quebra com essa sensação. Tal maneira semiótica de inscrever o fascínio pelo livro revela que a experiência proporcionada pela leitura é divertida, alegre e entusiasmante. Pode-se supor que, como o livro é uma adaptação, apresenta uma linguagem personalizada para adolescentes e, vale ressaltar, também se utiliza de ilustrações, inclusive em cores mais claras e abertas, como as que predominam no fanzine.

A marcação do mistério, tônica principal da narrativa, é axiologizada, na capa do fanzine, a partir das inúmeras interrogações que se disseminam na página. Como diz Volóchinov (2013, 2018), quando tomado no corpo vivo do enunciado, o signo é atravessado por toda a carga ideológica de que é resultante. Assim, para não transmitir a falsa impressão de que a obra se trata apenas de uma narrativa humorística, os estudantes-fanzineiros trazem as interrogações para engajarem seus interlocutores na percepção de que, embora divertida, a trama é marcada por suspense e mistério.

A capa apresenta, ademais, algumas *hashtags*, que evocam questões temáticas pertinentes à narrativa, bem como a ilustração de alguns momentos da história que remetem ao assassinato e ao casamento, que são os grandes novelas que desenvolvem o enredo.

Assim, já na capa do fanzine, os autores evidenciam os grandes temas da obra e o modo como eles são tratados, no caso com mistério e suspense, sem, no entanto, dar pistas do clímax da narrativa nem de seu desfecho. Tal responsividade demonstra a própria fascinação que arquiteta o gênero, dado o fato de que tudo que um fã deseja é angariar mais parceiros para seu coletivo. Se já apresentassem os desenlaces da história, possivelmente, os interlocutores dos fanzines perderiam interesse pela leitura, o que descumpriria o propósito comunicativo do gênero produzido.

Acreditamos que as escolhas estéticas semioticamente inscritas no enunciado do fanzine revelam o compromisso ético (Bakhtin, 2017) dos alunos-fanzineiros de

imprimir as nuances humorísticas que se revelam no texto literário lido, sem silenciar a natureza de suspense.

Sobre o mesmo fanzine, destaca-se ainda uma das ilustrações referente a partes que chamaram atenção.

Figura 2 – Contracapa do fanzine sobre a obra *Um assassinato, um mistério e um casamento*



- Daivid foi assassinado! Hugh Gregory foi preso por isso!

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A equipe de alunos-fanzineiros, na contracapa de seu fanzine, ilustra o assassinato de Daivid como destaque de uma das principais partes do romance lido. Citam, ainda, em discurso direto, o enunciado apresentado na obra, sobre quem foi o suspeito preso: Hugh Gregory, o protagonista do romance. Aqui, vemos novamente a importante sacada semiótica inscrita pelos autores do fanzine ao incitarem seus interlocutores a lerem o romance, promovendo curiosidade, tensão e apelo, o que confere ao leitor do fanzine motivação para descobrir os meandros que descortinam a narrativa.

Quando pomos a capa, apresentada na Figura 1, e a contracapa, apresentada na Figura 2, em dialogia, somos motivados a notar algumas semiotizações: enquanto aquela é colorida em azul, cor que remete à certa

tranquilidade (Heller, 2013), e ilustrada com interrogações, que se referem ao suspense do romance, esta, por sua vez, se utiliza do oposto do azul, o vermelho, que, segundo Heller (2013), é a cor que remete às emoções de maior instabilidade.

Assim, na contracapa, os estudantes-fanzineiros significam o nervosismo, o momento em que o estágio de equilíbrio da narrativa é mais perturbado. As ilustrações de exclamações, opostas às interrogações, dão margem para os interlocutores compreenderem que esse pode ser um momento importante do enredo, sendo a grande complicação da narrativa.

A propósito, do ponto de vista da audiência, enquanto a capa convoca com maior tranquilidade, a contracapa dá um tom de maior suspense e euforia, sentimentos evocados principalmente em narrativas dessa natureza. Essa contraposição, vale ressaltar, se coloca na própria organização do fanzine, já que uma das inscrições está na capa e a outra, na contracapa. Ademais, ao longo do corpo do fanzine, o interlocutor descobre os personagens e as tramas da obra. Assim, ao significar a complicação narrativa principal do enredo a partir da ilustração, gera-se maior apelo convidativo.

Destaca-se, ademais, que as cores ao fundo da contracapa, ainda que, como antes, mantenham traço ligeiro, não são mais tão potentes como na capa, já que há preferências por tons mais escuros. Isso pode ser enunciativamente interpretado no fato de que o assassinato opera na narrativa como tensão e luto.

Também damos destaque nesta análise aos resumos e às ilustrações que semiotizam a obra *#Cuidado garoto apaixonado*.

Figura 3 - Resumo e desenhos do fanzine sobre *#Cuidado garoto apaixonado*



Um garoto que se chamava antonio e ha um melhor amigo que se chama Alê a nas férias eles passaram na tv, no primeiro de aula eles ficaram na mesma classe conheceram uma garota que se chamava camila eles três estão na mesma sala [ininteligível] estará apaixonado pela camila e ela por ele.

Juntos passarão por muitas avetoras e o parteceparão de um tiatro de romel e Julieta no final Antônio e camila deram um beijo como romel e Julieta.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Na página à esquerda da Figura 3, vemos o resumo da obra produzido pelos estudantes-fanzineiros, no qual não há ocorrência de estratégias linguísticas de avaliação, como modalizadores ou adjetivos. Os autores, assim, se concentram em sintetizar a história. Para isso, dão relevo à questão do primeiro amor que o protagonista encontra no ambiente escolar, dando foco, inclusive, à apresentação teatral de *Romeu e Julieta*, episódio em que os protagonistas do romance se beijam apaixonados pela primeira vez.

Embora, como dissemos, não existam elementos enunciativos verbais que revelam algum tipo de avaliação explícita, os traços narrativos aos quais se dá destaque no resumo, sob o ponto de vista bakhtiniano, demonstram aquilo que mais marcou os estudantes-fanzineiros ao longo da leitura: a questão do primeiro amor.

Para Volóchinov (2018), todo enunciado apresenta tema. Consoante o autor, o conceito não diz respeito ao assunto tratado no texto, mas sim ao modo como o sujeito produtor lança sua marcação autoral de avaliação no enunciado, imprimindo toda a sua carga ideológico-emocional em relação ao objeto de discurso sobre o qual enuncia.

Embora o romance lido focalize a questão do primeiro amor, na verdade, os grandes amigos Tui, garoto tímido, e Alê, mais descolado e galanteador, se apaixonam pela mesma moça, Camila. Assim, o foco da história são os dilemas pelos quais os garotos apaixonados passam, principalmente Tui, que, ao saber da paixão de Alê, ajuda este a conquistar Camila, mesmo apaixonado pela garota. Apesar disso, os alunos-fanzineiros, tanto no resumo quanto nas ilustrações elaboradas, se detêm à temática do primeiro amor, silenciando todas as outras questões abordadas no romance, o que revela sua afeição por esse temário.

O foco no primeiro amor se revela, ainda, nos desenhos feitos abaixo do resumo, os quais semiotizam as cartas amorosas trocadas entre Tui e Camila. Na página em que ilustram partes que lhes chamaram atenção, os produtores destacam o episódio em que os protagonistas, apaixonados, cantam uma música na apresentação teatral da escola. A mesma tônica acontece na ilustração da capa do fanzine, a seguir.

Figura 4 - Capa do fanzine sobre *#Cuidado garoto apaixonado*



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

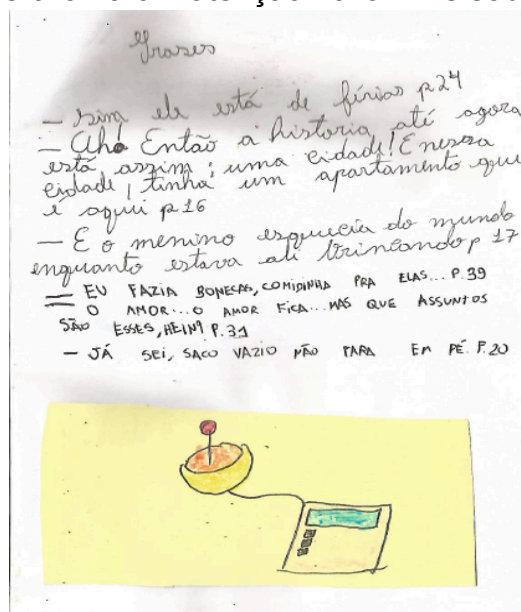
A capa, na mesma direção dos signos ideológicos inscritos no interior da produção, centraliza a paixão entre Tui e Camila, o que acontece só no fim do romance. É o que se vê na ilustração dos referidos personagens se beijando à lua, imaginação verbalizada no romance, bem como na colagem de EVA em formato de coração em alto relevo no inferior da capa.

Os corações, a propósito, apresentam colorações vermelha e amarela, destacados em cola brilhosa utilizada para colorir os recortes. O brilho emanado, quando tomado como signo ideológico, parece semiotizar a paixão forte, ainda mais na adolescência, etapa da vida em que os sentimentos são mais intensos. Esse processo de organização do tema (Volóchinov, 2018) no enunciado tonaliza um matiz axiológico marcado por tons emotivo-volitivos de encantamento e de paixão.

A partir dessa interpretação, é importante dizer que a equipe autora do fanzine em tela era composta por uma moça e dois rapazes. Aquela, nos encontros dos círculos de leitura, sempre falava acerca de o enredo de *#Cuidado garoto apaixonado* ter lhe lembrado de seu primeiro amor, um colega de escola. Ao que parece, percebemos, enunciativamente, a exotopia desse eu-enunciador que é instado, via leitura literária, a se pôr no espelho (Bakhtin, 1997). Ao se inscrever como fã em seu enunciado, dá relevo justamente a essa abordagem, que confere tema, isto é, axiologia ao texto produzido. A propósito, a história do triângulo amoroso, quando tratada no fanzine, é totalmente deixada de lado, para dar vez à correspondência amorosa entre o rapaz tímido e a bela moça.

No que se refere à questão da exotopia (Bakhtin, 1997), para além dos fanzines até então analisados, queremos pôr em destaque as frases que chamaram atenção dos alunos-fanzineiros que leram *O detector de sacis*.

Figura 5 - Frases que chamaram atenção no fanzine sobre *O detector de sacis*



Frases

- sim ele está de férias p. 24
- Ah! Então a historia até agora está assim: uma cidade! E nessa cidade, tinha um apartamento que é aqui p 16
- E o menino esquecia do mundo enquanto estava ali brincando p 17
- EU FAZIA BONECAS COMIDINHAS PRA ELAS... P. 39
- O AMOR... O AMOR FICA... MAS QUE ASSUNTOS SÃO ESSES, HEIN? P. 31
- JÁ SEI. SACO VAZIO NÃO PARA EM PÉ. P. 20

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O excerto em apreço apresenta a ilustração do detector de sacis construído pelos personagens do romance para saber sobre a real existência desses seres lendários. Além disso, a página é dedicada a apresentar as frases que chamaram a atenção das alunas-zineiras, duas moças de 11 anos. São destacados 6 trechos da obra, todos em discurso direto, com explicitação da página.

As produtoras do fanzine em tela relatavam que não haviam gostado tanto da obra após conhecerem a história. Escolheram-na pela curiosidade que tiveram a partir do título e das ilustrações. Frente a esse íterim, como a proposta era a de que se projetassem enunciativamente como fãs da obra, conforme disseram nos encontros dos círculos de leitura, resolveram destacar excertos da obra que lhes marcam exotopicamente, isto é, episódios que, em sua vida, lhes animam.

A exotopia, como bem elucidam Zilberman (2008) e Andrade, Santos e Martins (2022), é base da leitura de textos de natureza literária. Concordamos com

os autores que, a partir de estratégias artísticas próprias da linguagem literária, o leitor entrevê-se a si mesmo como possível personagem das ações ali postas, podendo analisar-se criticamente ou fabular-se.

As frases às quais foram dadas relevo remetem a momentos de prazer das alunas-fanzineiras no mundo da vida, os quais foram tematizados no mundo da arte literária: férias, brincar com bonecas, comer, divertir-se com colegas, passear pela cidade. Portanto, conquanto a narrativa de *O detector de sacis* não focalizasse essas questões, para performar a identidade de fã instada pelo gênero fanzine, as produtoras encontraram nesses temas bem secundários modos de realizar esse projeto.

Nesse sentido, vemos que, ao terem que se projetar enunciativamente como fãs de uma obra de cujo enredo não gostaram tanto, as produtoras encontraram na exotopia da leitura literária uma saída pertinente para performar essa identidade aficionada pela obra. As estudantes evidenciam estrategicamente que, assim como elas, seus interlocutores poderão se divertir ao lerem frases como essas, o que lhes convida a ler a obra por completo.

Considerações finais

Este texto teve como propósito principal analisar as tonalidades axiológicas que se erigem quando estudantes engajados em uma mediação dialógica de leitura literária são instados a performar como fãs das obras que leram. Para isso, transversalizamos a compreensão de ensino dialógico com a de letramento literário, convocando a compreensão bakhtiniana de gênero discursivo para pensar o fanzine como possibilidade de cumprimento dos propósitos de mediações dialógicas de leitura literária. Metodologicamente, este estudo é uma pesquisa-ação, cuja análise toma corpo a partir do *modus operandi* da análise dialógica do discurso.

Conforme propõe Bakhtin (2016), a questão dos gêneros discursivos é central para os estudos da linguagem, não porque são moldes rígidos de organização enunciativa, mas se configuram como horizontes nos e pelos quais, entre outras questões, os sujeitos percebem as identidades e os papéis sociais que devem projetar na produção discursiva.

A partir da análise concretizada neste texto, vimos que, para performar a identidade de fãs nos fanzines produzidos, os estudantes-fanzineiros marcam axiologicamente seus enunciados de tal maneira a convidar seus interlocutores a viverem as emoções provocadas pelos textos lidos. Esse processo de convocação é semiotizado a partir da transversalização de signos verbais, matizes, ilustrações, traços etc., os quais dão tema aos enunciados.

Ainda, nesse processo de construção temática dos textos, pudemos perceber que os produtores também versionam os enredos das obras lidas em concordância com sua própria experiência ética de vida. Se o texto evoca lembranças da infância, como a questão do primeiro amor, coloca-se isso como enredo central da obra no corpo do fanzine; por outro lado, se a obra lida não cumpriu as expectativas estéticas esperadas, vão-se encontrando trechos que animam os leitores no mundo da vida. Essas marcações axiológicas, demandadas pela própria arquitetônica do gênero, têm um propósito comunicativo estratégico: angariar novos fãs para o coletivo de leitores das obras fanzineadas.

Desse modo, vemos que propostas dialógicas de leitura literária colaboram para o engajamento dos estudantes em práticas sociais que centralizam a literatura, de modo a incitar os participantes não somente a ter contato com o texto literário e a envolver-se com ele, mas também a experimentar modos de ser e de agir, na e pela linguagem, a partir da vivência do letramento literário.

Referências

AMARAL, M. R. dos S.; SOBRAL, A. U. A educação dialógica alteritária para uma prática de ativismo docente responsável. *Revista Diálogos*, Cuiabá, v. 11, n. 3, p. 160-183, 2024.

ANDRADE, F. R. da S. *Proposta metodológica para o ensino dialógico de leitura sob o amparo indisciplinar e decolonial da Linguística Aplicada*. 2024. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

ANDRADE, F. R. da S.; LIMA, P. S. R. de; MARTINS, D. L. L. Fanzines literários: uma proposta dialógica de letramento literário para o 6º ano. CONGRESSO NACIONAL UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE, 2., 2023, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: UEaDSL, 2023. p. 1-6. Disponível em:



<https://ueadsl.anais.nasnuv.com.br/index.php/UEADSL/article/view/1280>. Acesso em:
27 nov. 2023.

ANDRADE, F. R. da S.; MODL, F. de C. Por um lugar mais ao sol para a
pesquisa-ação educacional no fazer científico da Linguística Aplicada decolonial.
Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, DF, v. 26, n. 1, p. 22-41, jan./jun.
2025.

ANDRADE, F. R. da S.; SANTOS, A. T. L.; MARTINS, D. L. L. A importância do
ensino de literatura para o processo de conscientização da classe trabalhadora
contra a opressão. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 47, n. 1, p.1157-1168, 2022.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G.
Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de
Paulo Bezerra; notas da edição russa de Sergei Botchararov. São Paulo: Editora 34,
2016.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos
Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução,
posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei
Botchararov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF:
MEC, 2018.

COSSON, R. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. Contexto: São Paulo,
2021.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São
Paulo: Cortez, 2003.

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*.
Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KREWER, E.; SOARES, C. P.; SOBRAL, A. Ensino de língua portuguesa do ponto
de vista da enunciação: uma proposta didática a partir da Análise Dialógica do
Discurso. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, n. 12, p. 1-16, 2023.

MAGALHÃES, H. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MEDIVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma
poética sociológica*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São

Paulo: Contexto, 2012.

LOPES, L. P. M. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PAULA, L. de; GONÇALVES, J. de C. Gêneros discursivos na escola: acontecimento emancipatório de leitura. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 9, n. 16, p. 17-52, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistaeduculings/article/view/6578>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PAULA, L. de; MILESK, J. K. O gênero *fanzine-zine* na sala de aula: leitura, arte e super-heróis. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 16, n. 3, p. 573-597, set./dez. 2020.

PINTO, R. D. *Fanzine na educação: algumas experiências em sala de aula*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Por uma proposta de educação dialógica alteritária. *Línguas & Letras*, Cascavel, v. 21, n. 49, p. 7-27, 2020.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

VOLÓCHINOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 11-22, 2008.

Recebido em: 30 ago. 2025.

Aprovado em: 02 dez. 2025.

Revisor(a) de língua portuguesa: Vivian Campagnolli Bergantini Saviolli

Revisor(a) de língua inglesa: Juliano Brambilla Neri

Revisor(a) de língua espanhola: Milena Patrícia de Lima